




A PRODUTIVIDADE DO AÇAÍ NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DE PARURU DE JANUA COELE, NO PERÍODO DA SAFRA

 <https://doi.org/10.56238/levv16n48-023>

Data de submissão: 08/04/2025

Data de publicação: 08/05/2025

Daniele Figueiredo da Silva

Graduando em Agronomia pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá
Universidade Federal do Pará Faculdade de Agronomia

Meirevalda do Socorro Ferreira Redig

Doutora em Ciências agrárias pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).
Endereço: Atravessa padre Antônio Franco, Cametá, bairro Matinha
Universidade Federal do Pará Faculdade de Agronomia
E-mail: mfredig@ufpa.br

RESUMO

A presente pesquisa reside na importância de fornecer dados concretos sobre a produtividade do açaí "*Euterpe Oleracea Mart.*" na comunidade ribeirinha de Paruru, com o intuito de valorizar a produção local e consequentemente, a população que a sustenta. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é analisar a produtividade do açaí na comunidade ribeirinha de Paruru durante o período da safra, verificando se a localidade apresenta índices elevados de produção e buscar compreender os fatores que influenciam essa produtividade, considerando aspectos ambientais e socioeconômicos que impactem a cadeia produtiva na região. Este artigo emprega uma abordagem metodológica detalhada para investigar os fatores que contribuem para a alta produtividade do açaí. Os dados foram coletados por meio de questionários qualitativos, que abordaram aspectos sociais, econômicos e produtivos do cultivo do açaí. O questionário continha perguntas abertas e fechadas. Além disso, a valorização crescente do açaí no mercado internacional impulsiona o preço do fruto a cada safra, proporcionando um retorno financeiro maior para os produtores. Isso reforça o papel central do açaí na economia local e a sua importância para a sustentabilidade econômica da comunidade.

Palavras-chave: Euterpe Oleracea Mart. Produtividade.

1 INTRODUÇÃO

Há três espécies de palmeiras que produzem açaí “*Euterpe Oleracea* Mart.,” “predominante nos estados do Pará e Amapá, é a mais produtiva por apresentar perfilhamento, ou seja, formação de múltiplos caules. Já a *Euterpe Precatória*” conhecida como açaí-do-mato, cresce no Amazonas, possui somente um caule e não apresenta perfilhamento. Por fim, o “*Euterpe edulis*”, típica da Mata Atlântica, é pouco utilizado na produção de vinho de açaí (Da Silva, 2024). Para essa pesquisa iremos ressaltar sobre a espécie *Euterpe Oleracea* Mart., pois ela é o famoso açaí do Pará, e nativa da região do Paruru de Janua Coeli.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é analisar a produtividade do açaí na comunidade ribeirinha de Paruru durante o período da safra, verificando se a localidade apresenta índices elevados de produção e buscar compreender os fatores que influenciam essa produtividade, considerando aspectos ambientais e socioeconômicos que impactem a cadeia produtiva na região.

A comercialização do açaí “*Euterpe Oleracea* Mart.” é conduzida tanto no mercado local quanto em cidades vizinhas. No período da safra, a paisagem local transforma-se em um cenário repleto de palmeiras carregadas de frutos, e representa um evento cultural significativo, evidenciando a relação harmoniosa entre a população local e o ecossistema.

A justificativa desse estudo reside na importância de fornecer dados concretos sobre a produtividade do açaí na comunidade ribeirinha de Paruru, com o intuito de valorizar a produção local e, conseqüentemente, a população que a sustenta considerando os processos ambientais no cultivo na espécie assim como as potencialidades e desafios socioeconômicos na região.

A pesquisa visa identificar a alta produtividade da região durante o período da safra, o que pode resultar em maior visibilidade para os agricultores familiares que, ao longo dos anos, têm dedicado esforços para o cultivo sustentável da fruta. A validação dessa produtividade não só reforça o reconhecimento do trabalho desses produtores, mas também pode gerar um impacto econômico significativo ao agregar valor ao produto no mercado.

Além disso, essa visibilidade pode contribuir para a inclusão da localidade do Paruru em redes de comercialização mais amplas, potencializando o reconhecimento e a valorização do açaí, o que se reflete diretamente no desenvolvimento socioeconômico da comunidade. Busca não somente documentar uma realidade agrícola, mas também fortalecer a posição de Paruru, no contexto regional e global do mercado de açaí.

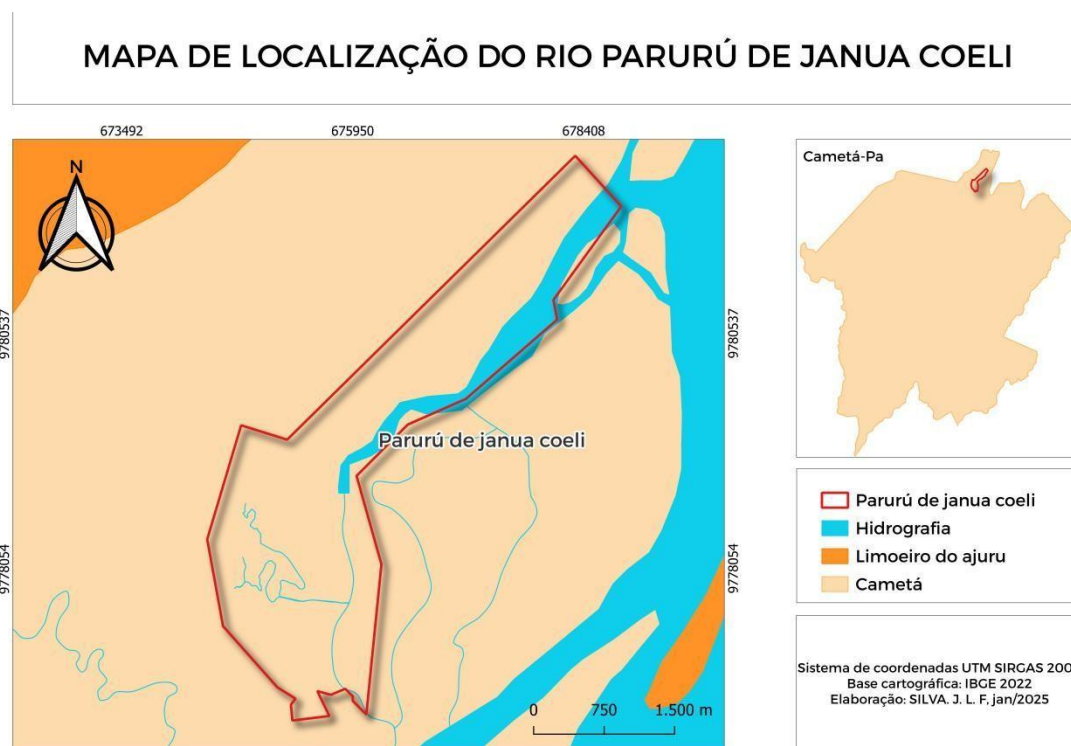
A comunidade de Rio Paruru, situada em uma região ribeirinha, possui uma forte relação com o meio ambiente, destacando-se pela produção de açaí, um dos principais produtos da economia local. É composta majoritariamente por famílias que dependem da agricultura familiar e do extrativismo para sua subsistência.

A comunidade está inserida na Amazônia, caracterizada por um clima equatorial, com altas temperaturas e um regime pluviométrico elevado, essencial para o desenvolvimento do açaí (*Euterpe Olerácea* Mart.) os solos predominantes são de várzea, ricos em matéria orgânica, proporcionando condições ideais para o cultivo dessa palmeira. A vegetação é composta por espécies adaptadas a ambientes inundáveis.

2 METODOLOGIA

Este artigo emprega uma abordagem metodológica detalhada para investigar os fatores que contribuem para a alta produtividade do açaí (*Euterpe olerácea* Mart.). A pesquisa foi conduzida na localidade de Rio Paruru de Janua Coeli, com latitude ($-1, 97128^{\circ}$ ou $1^{\circ} 58' 17''$ sul) e longitude ($- 49, 38886^{\circ}$ ou $49^{\circ} 23' 20''$ oeste), situada no quarto distrito do município de Cametá, no Estado do Pará.

Figura 1 – Mapa da Região da Pesquisa



Fonte: Silva, J.L.F, 2025

O levantamento foi realizado entre os dias 4 e 20 de novembro de 2024, na finalização a safra do fruto. A amostra foi composta por 57 produtores ribeirinhos de açaí, selecionados intencionalmente, considerando sua representatividade para o contexto local de produção e comercialização do fruto.

Os dados foram coletados por meio de questionários qualiquantitativos, que abordaram aspectos sociais, econômicos e produtivos do cultivo do açaí. O questionário continha perguntas abertas e fechadas.

- Análise quantitativa: os dados de múltipla escolha foram tabulados no Microsoft Excel, onde foram gerados gráficos e tabelas descritivas para facilitar a visualização e interpretação. Essa abordagem permitiu identificar padrões, como a média de produção diária, o preço médio de venda e os principais desafios enfrentados pelos produtores.
- Análise qualitativa: as respostas abertas foram categorizadas por temas e analisadas com base na técnica de análise de conteúdo. Isso permitiu explorar percepções dos produtores sobre os desafios ambientais e econômicos que afetam a produtividade do açaí.

A coleta de dados foi realizada em visitas domiciliares, garantindo maior engajamento e confiabilidade nas respostas, respeitando uma abordagem acessível e adaptada ao nível de escolaridade da comunidade, predominantemente composta por ribeirinhos com ensino formal limitado. Para garantir a compreensão e participação, o questionário foi aplicado em linguagem simples e direta.

Foram utilizados materiais impressos para o registro dos questionários no campo e dispositivos móveis para localização e organização de informações. As entrevistas ocorreram em horários pré-estabelecidos, com a anuência dos participantes, para respeitar sua rotina de trabalho. Os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. O anonimato e a confidencialidade dos dados foram assegurados em todas as etapas da pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Os ribeirinhos que nasceram e cresceram na beira do rio sempre souberam da importância do açaí. Para eles, ele não é só comida, ele é energia para aguentar o dia, é cultura, é economia, é sustento.

O açaí desempenha uma importância econômica e alimentar na vida dos ribeirinhos, mas também é necessário constar nos planos das pesquisas, nas políticas públicas. Porque se não cuidar direito, pode ser que um dia o açaí não seja mais esse “ouro” que sustenta tantas pessoas.

Segundo Almeida (2021, p. 02), “Para os produtores do estuário amazônico, o açaí era considerado o alimento basilar, e depois da década de 1990, conquistou novos mercados de consumo, ganhando notoriedade no cenário nacional e internacional”. Antes, o açaí era mais “coisa de ribeirinho” mesmo, mas depois dos anos 90, começou a sair das comunidades e ganhar o Brasil e o mundo.

O que era básico para os ribeirinhos virou um mercado gigante. Só que isso também trouxe desafios, os preços subiram, a colheita teve que se adaptar à demanda e muitos produtores precisaram melhorar suas técnicas para aumentar a produtividade sem prejudicar a natureza.

Atualmente, o fruto do açaizeiro destaca-se como uma das principais frutíferas do bioma amazônico, tanto pelo seu valor nutricional quanto pelo impacto socioeconômico na região.

Segundo Brito et al. (2020, p. 04), “na atualidade, o fruto do açaizeiro é considerado uma das frutíferas com maior destaque socioeconômico na região do bioma amazônico brasileiro, além de ser uma atividade de grande potencial financeiro, como fonte de renda para a população local”. O cultivo e a extração do açaí representam uma importante fonte de renda para as comunidades ribeirinhas e pequenos produtores, configurando-se como uma atividade de elevado potencial econômico.

Além disso, o crescimento da demanda nacional e internacional pelo produto impulsiona a intensificação da produção, tornando essencial a adoção de práticas de manejo sustentáveis que garantam a conservação dos ecossistemas naturais e a viabilidade econômica da atividade a longo prazo.

O açaí possui atualmente um alto valor no mercado. Antigamente, as pessoas o tiravam para vender na feira das cidades para efetuar uma renda. Mas agora, esse fruto virou uma “super fruta”. E não é só conversa dos ribeirinhos não.

Segundo Almeida (2021, p. 02) “com o aumento da demanda nos mercados local, nacional e internacional, bem como a crescente popularidade, o mesmo é denominado de “super fruta”, pois o seu consumo está aumentando significativamente devido ao seu sabor único” O mundo todo está observando esse “Ouro preto”, e isso mexe com a economia, com a produção e até com a forma que as comunidades trabalham.

O modelo tradicional de colheita do açaí, no qual os ribeirinhos utilizam a peconha para escalar a palmeira e coletar os cachos, é altamente eficiente para a subsistência e abastecimento dos mercados locais.

Antigamente, as pessoas batiam o açaí manualmente, usando as forças dos braços. O vinho era extraído e inserido na cuia, tomavam com farinha e era aquele sustento do dia a dia. mas para eles (ribeirinhos), sempre foi à base. pois é uma modificação que passa manualmente para a mecanizada, trazendo uma apropriação de aumento dos preços locais e o que pode ou não diminuir o valor para exportação em natura.

Porque a demanda aumentou demais, mas os ribeirinhos, que estão na lida todo dia, precisam ter mais apoio para continuar produzindo sem destruir o meio ambiente sem ser explorado. Então, se for para chamar de “Super fruta”, que seja para melhorar a vida de quem sempre viveu dela.

Dessa forma, o crescimento da demanda global por açaí impulsiona significativamente a sua exportação. Segundo Brito et al. (2020, p. 05) “no ano de 2017, a exportação de açaí foi em torno de 13 toneladas para 42 países.” Evidenciando a valorização desse fruto amazônico no mercado internacional.

Contudo, a demanda crescente por açaí processado e padronizado para exportação exige melhorias em infraestrutura, condições sanitárias e organização da produção. A ausência dessas

condições pode limitar a participação direta dos produtores ribeirinhos no mercado externo, tornando-os dependentes de atravessadores e grandes empresas processadoras.

Segundo Almeida (2021, p. 02), “o açaí é uma das fruteiras nativas mais significativas do Estado do Pará, uma vez que responde por 70% da renda dos ribeirinhos.” Esse fruto faz milhares de pessoas conquistarem algo que desejam. Quando dizem que ele representa 70% da renda dos ribeirinhos, mas, na verdade, sem ele, muitas famílias não haviam conquistado nem metade do que hoje elas têm.

Pode-se observar que um dos grandes desafios é conseguir produzir mais sem destruir o meio, porque não é só retirando palmito ou derrubando os açaizeiros para plantar mais, deve ser realizado o manejo sustentável.

Muitos produtores sofrem com baixa produtividade em certas épocas, com as mudanças no clima, com a falta de assistência técnica seria viável ter para minimizar a baixa produtividade.

A ampliação das áreas de cultivo deve vir acompanhada de práticas de manejo adequadas, evitando a degradação ambiental e garantindo a manutenção dos recursos naturais. Além disso, a capacitação dos produtores e o acesso a tecnologias mais eficientes podem contribuir para um melhor aproveitamento dos açaizais, reduzindo perdas e otimizando a produtividade.

Segundo Almeida (2021, p. 03), “no Estado do Pará, a região do Baixo Tocantins destaca-se com uma significativa produção e extração do fruto”. No Baixo Tocantins, as famílias vivem do que podem produzir na terra e do rio também. O açaí faz parte da cultura, todos os dias milhares de pessoas sobem no açaizeiro, tirando o cacho e preparando o vinho do açaí, que suas famílias consomem fresquinho.

Tem fatores que influenciam a produtividade, como o manejo correto, a adubação natural e até a forma de colheita. Com boas práticas, é possível aumentar a produção sem prejudicar o meio ambiente. E no Baixo Tocantins, o açaí é um dos fatores mais importantes da economia local.

O crescimento expressivo da produção e do consumo de açaí em Cametá sinaliza uma possível consolidação do município como um dos principais polos do Pará nas próximas décadas. Esse fenômeno pode ser explicado pela forte presença da agricultura familiar, onde os ribeirinhos desempenham um papel central na cadeia produtiva. A relação histórica e cultural da população com o fruto, aliada ao aumento da demanda tanto local quanto externa, favorece essa tendência.

Segundo Da Silva (2024, p. 12), “esse crescimento mostra que dentro de 10 a 20 anos a cidade de Cametá será uma das maiores produtoras e consumidoras de açaí batido no estado do Pará.” No entanto, para que esse potencial seja plenamente alcançado, é necessário considerar fatores estruturais que podem impactar a sustentabilidade da produção.

Dessa forma, ao considerar o crescimento da produção e do consumo do açaí em Cametá, é fundamental equilibrar a expansão econômica com a preservação dos modos de vida ribeirinhos e a

conservação ambiental, garantindo que as futuras gerações continuem a se beneficiar desse recurso tão significativo para a região.

A produtividade do açazeiro está diretamente ligada à disponibilidade de água no solo. Essa planta, típica de áreas de várzea, necessita de um ambiente constantemente úmido para um bom desenvolvimento e frutificação. Segundo Brito et al. (2020, p. 05), “e o açazeiro tem sua produtividade diretamente relacionada com a disponibilidade de água por ser uma planta de áreas alagadas e com alta demanda hídrica.”

Durante períodos de alta pluviosidade e cheia dos rios, o solo permanece bem hidratado, favorecendo a formação de cachos maiores e frutos mais graúdos, aumentando o rendimento na extração da polpa. Em contrapartida, em períodos de estiagem, a planta sofre com a falta de água, resultando em cachos menores e frutos com maior proporção de caroço, reduzindo a qualidade e a produtividade do açaí.

Os ribeirinhos sempre estiveram em contato direto com o açaí, observando seu ciclo natural, os períodos de maior e menor produção e as respostas da planta às mudanças do ambiente. Segundo Matos et al. (2014, p. 02), “ribeirinhos inovadores criaram tecnologia social de trabalho como o manejo de açazeiros nativos a partir de observações cotidianas em suas unidades produtivas”. Foi a partir dessa vivência que desenvolveram um manejo que respeita a floresta e, ao mesmo tempo, melhora a produtividade do açazeiro.

Essa tecnologia social não surgiu em laboratórios ou escritórios, mas no dia a dia da comunidade, no olhar atento de quem depende dessa cultura para sobreviver. O manejo do açaí não somente aumenta a produtividade, mas também preserva a biodiversidade e fortalece a autonomia dos produtores.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DOS DADOS

A presente pesquisa apresenta uma análise detalhada da produção, manejo e comercialização do açaí na comunidade ribeirinha de Paruru de Janua Coeli. A pesquisa abrange aspectos como o tempo de manejo, o tamanho das áreas cultivadas e os índices de produtividade, buscando compreender as dinâmicas que influenciam a cadeia produtiva local. Para isso, foram utilizados dados quantitativos e qualitativos, permitindo uma visão mais abrangente sobre os fatores que impactam a produção.

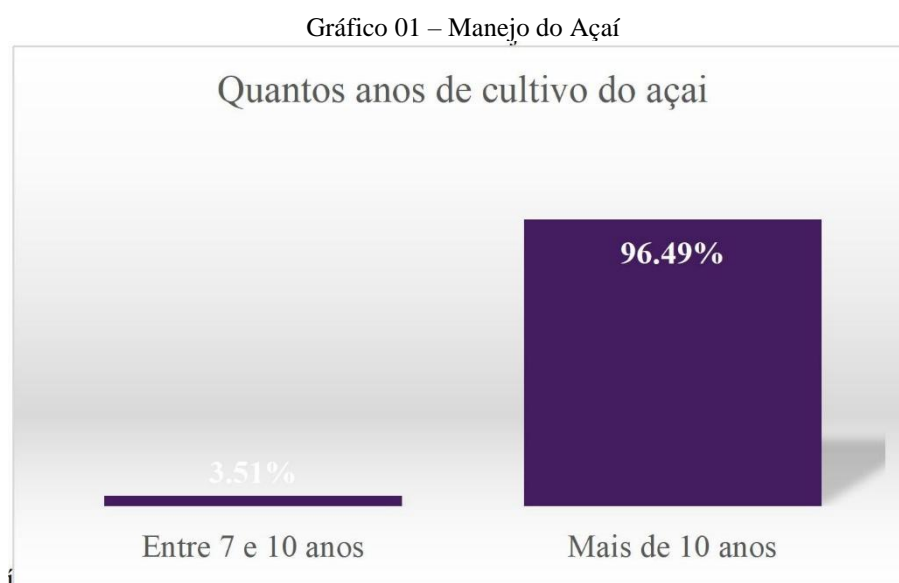
A abordagem adotada destaca tanto os desafios enfrentados pelos produtores quanto as oportunidades para melhorias e maior sustentabilidade do setor. Além disso, a análise está fundamentada em referências relevantes que contextualizam os resultados obtidos, oferecendo um embasamento sólido para as discussões.

Os dados levantados permitiram identificar padrões e tendências que explicam a alta produtividade do açaí em Paruru. Dessa forma, contribui para uma melhor compreensão do setor,

evidenciando não somente os pontos fortes da produção local, mas também os desafios que precisam ser superados para garantir eficiência produtiva e conservação ambiental. A seguir, os resultados serão discutidos com maior profundidade, considerando as categorias avaliadas.

4.1 PRODUTIVIDADE DO AÇAÍ

No gráfico abaixo apresentamos o tempo que o produtor trabalha com o manejo do açaí, temos então duas categorias: os que trabalham entre 7 e 10 anos e os que trabalham para mais de 10 anos com o fruto.



Fonte: Silva, 2025

Os ribeirinhos trabalham com o manejo dos açaizais há décadas, e a maioria deles tem mais de 10 anos de experiência, conforme mostrado no gráfico (96,49%). Esse longo período de dedicação reflete um conhecimento que foi sendo construído ao longo do tempo, passando de geração em geração e se consolidando como um saber tradicional essencial para a produção sustentável do açaí.

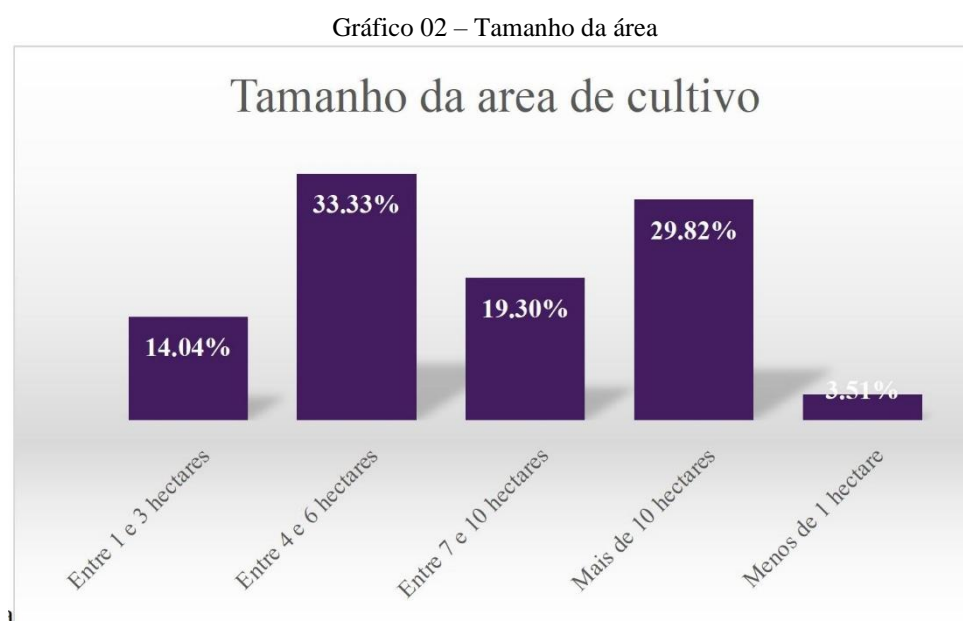
Nesse sentido, observa-se que, segundo Matos (2014), os pioneiros que começaram a manejar os açaizais na década de 90 se tornaram multiplicadores do conhecimento, incentivando outras famílias a adotar as técnicas para aumentar a produção e garantir a sustentabilidade da atividade. Assim, segundo o entrevistado n.º03 que afirma: “Nós vive disso, é uma ajuda muito grande, é o que banca os ribeirinhos”. Por isso, o conhecimento sobre o manejo do açaí nas comunidades ribeirinhas não surgiu de maneira instantânea, mas foi aprimorado ao longo dos anos com base na experiência daqueles que vivem da Floresta.

Os dados do gráfico reforçam essa ideia ao mostrarem que grande parte dos produtores possui mais de uma década de vivência no manejo do açaí, o que possibilitou o desenvolvimento de técnicas

adaptadas às condições locais. Entre essas técnicas estão a escolha dos estipes¹ produtivos, a limpeza seletiva da área e o controle da densidade das touceiras, que foram sendo aperfeiçoados com base na prática cotidiana e na observação da natureza.

Esse processo exemplifica a tecnologia social, na qual o conhecimento empírico dos ribeirinhos, aliado a novas pesquisas, aprimorou o manejo do açaí.

Sobre o tamanho da área, temos uma demanda que se sobressai: entre 4 e 6 hectares. Em uma área produtiva, especialmente entre quatro e seis hectares, é comum a presença de espaços intercalados que não são destinados ao cultivo do açaí. Essas áreas podem incluir igapós, trechos de vegetação nativa, ou mesmo porções de terra sem utilização específica. Além disso, podem existir faixas improdutivas na propriedade, seja por questões topográficas, ecológicas ou de uso comunitário.



Fonte: Silva, 2025

A produção de açaí em áreas de várzea tem se expandido, impulsionada tanto pela demanda crescente quanto pela adoção de técnicas de manejo que elevam a produtividade. Entre os produtores entrevistados, a maioria possui áreas entre 4 e 6 hectares, 33,33% ou acima de 10 hectares, 29,82%, evidenciando a predominância de pequenos e médios produtores.

A expansão da área plantada no estado do Pará tem sido significativa, conforme apontado por Brito et al. (2020), que destaca um aumento de 135.701 ha para 188.015 ha entre 2015 e 2019, um crescimento de 38,55%. No entanto, a produtividade do açaí não está diretamente relacionada ao tamanho da propriedade, mas sim às práticas de manejo adotadas. Na afirmação do entrevistado n.º 52, “O açaí é tudo, pois é o alimento é fonte de renda no período da safra.”

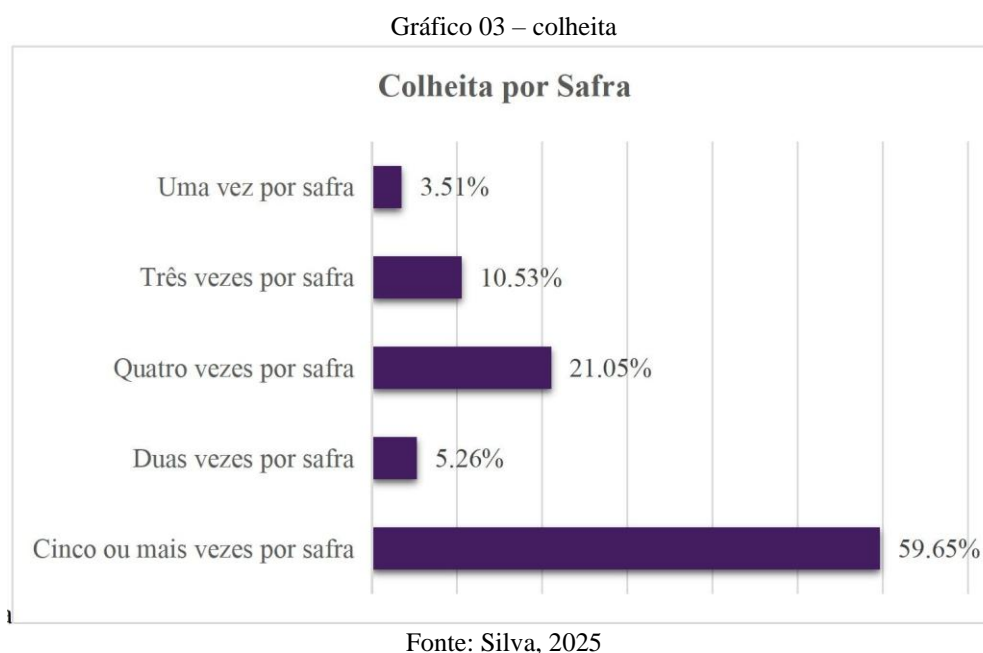
¹ O caule de uma palmeira e a estrutura peduncular de uma estrutura anatômica.

Assim, em áreas de várzea, onde o extrativismo é comum, a produtividade pode ser limitada pela densidade natural dos açazais. Entretanto, técnicas como o raleamento de touceiras e a eliminação de espécies competidoras contribuem para o aumento da produção por unidade de área.

Produtores com mais de 10 hectares possuem maior capacidade de produção em larga escala, mas necessitam de estratégias eficientes para manter a produtividade e evitar o esgotamento dos recursos naturais. O manejo adequado do açazal, incluindo a roçagem controlada, a substituição de estipes improdutivos e a preservação da fertilidade do solo, é essencial para garantir a sustentabilidade da produção.

Dessa forma, o crescimento da produção de açaí em várzeas não deve se basear somente na ampliação da área cultivada, mas na adoção de estratégias que garantam eficiência e sustentabilidade. Pequenos produtores que aplicam boas práticas de manejo podem alcançar produtividades comparáveis ou até superiores às de propriedades maiores onde a gestão é menos eficiente. A valorização do açaí no mercado reforça a necessidade de um equilíbrio entre expansão e manejo sustentável para garantir a continuidade da produção a longo prazo.

Com relação aos cachos coletados, os produtores coletam por árvores, assim durante o período de safra (que ocorre entre julho e dezembro).



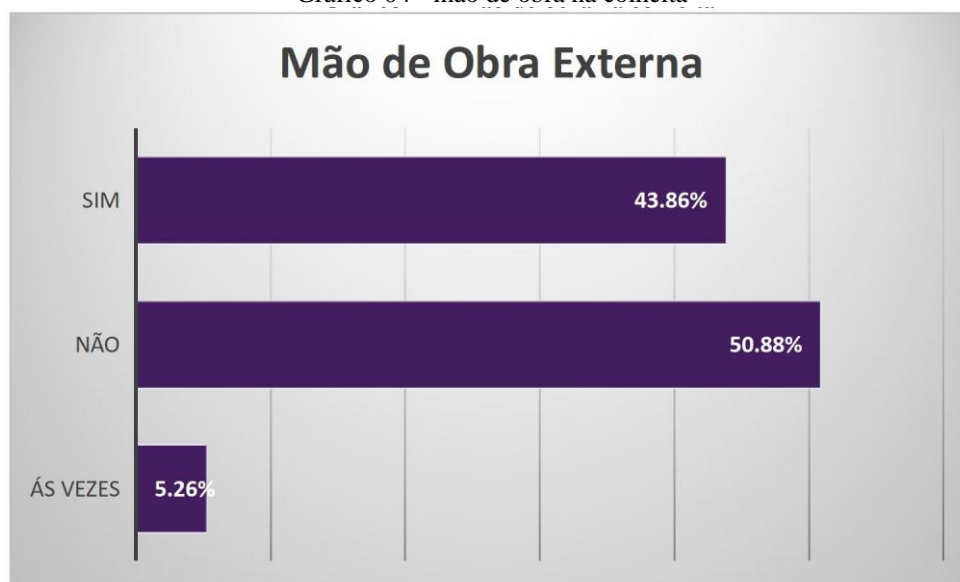
Os dados apresentados no gráfico mostram que a maioria dos produtores realiza a coleta dos cachos de açaí cinco ou mais vezes ao longo da safra (59,65%), indicando alta produtividade e um manejo eficiente. Esse resultado reforça a importância de práticas como o debate seletivo e a poda controlada, que estimulam o crescimento de novos cachos e garantem uma produção mais uniforme ao longo do período de safra (de agosto a dezembro).

O conhecimento passado de geração em geração sobre os tratos do açaizal demonstra que, quando manejado corretamente, o açaizeiro apresenta maior produção e frutos de melhor qualidade. Segundo Matos (2014, p. 09), “ao realizar a prática do manejo de forma correta, é possível garantir a elevação da produção no período de safra e boa produção no período de entressafra.”

Na afirmação do entrevistado n.º 39, “Importante para o consumo e fonte de renda durante o período da safra.” Com isso, a colheita frequente dos cachos maduros evita o desperdício de frutos e melhora a qualidade da produção, já que permite selecionar os melhores cachos para comercialização.

Dessa forma, a adoção de boas práticas no manejo do açaizal impacta diretamente a produtividade, permitindo que os produtores realizem múltiplas colheitas por planta e maximizem o aproveitamento dos cachos durante a safra.

Gráfico 04 - mão de obra na colheita



Fonte: Silva, 2025

Conforme os gráficos, observamos que um pouco mais da metade (50,88%) não utiliza mão de obra externa, ou seja, eles mesmos fazem a colheita da produção e 43,86% utilizam, outros 5,26% só às vezes.

É importante destacar que a contratação de mão de obra externa é uma prática comum na colheita do açaí. Conforme observado no gráfico, a região apresenta predominantemente áreas de produção entre 4 e 6 hectares. Diante desse cenário, torna-se necessária a contratação de mão de obra externa para auxiliar na colheita, garantindo a eficiência do processo durante o período da safra, quando a produtividade atinge seu pico.

Segundo Almeida (2021, p. 02), “antes do surgimento de indústrias de beneficiamento, os açaizais tinham uma produção extrativista na qual os frutos de açaí eram destinados para a subsistência das famílias ribeirinhas.” A colheita do açaí, realizada tradicionalmente, exigia conhecimentos específicos sobre o manejo do açaizal e habilidades físicas para a escalada das palmeiras.

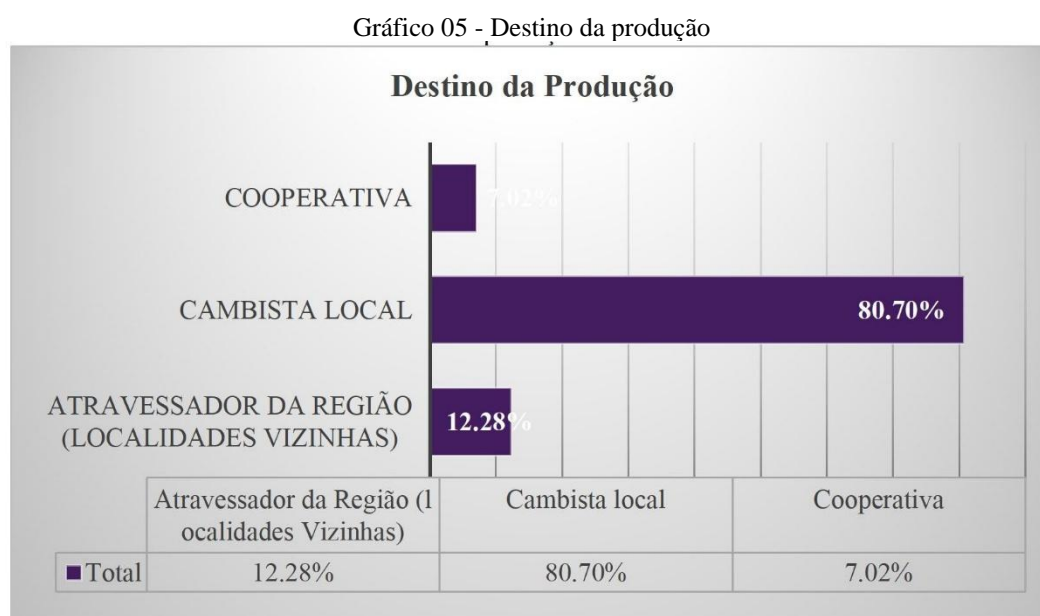
O ribeirinho, muitas vezes descalço e com o auxílio de uma “peconha” – uma tira de fibra vegetal usada para fixação dos pés –, subia no estipe da palmeira para alcançar os cachos maduros, na afirmação do entrevistado n.º 19, “Mais importante, pois é do que eles sobrevivem”

A intensificação da demanda por colhedores durante a safra movimenta a economia local, proporcionando empregos para muitas pessoas. Inicialmente, a produção era baseada na subsistência das famílias ribeirinhas, mas com o avanço das agroindústrias e a valorização do açaí nos mercados nacional e internacional, esse cenário mudou.

A colheita e o manejo passaram a incorporar técnicas que aumentam a produtividade, garantindo maior eficiência na produção. No entanto, mesmo com essas transformações, os “peconheiros” continuam desempenhando um papel essencial na cadeia produtiva do açaí, preservando as práticas tradicionais de colheita.

4.2 ECONOMIA

Após fazer a colheita do açaí, o produto é demandado para o comércio, o gráfico abaixo mostra que a maioria vai para os cambistas locais, nas comunidades ribeirinhas, o processo de comercialização do açaí ocorre por meio de uma rede de intermediários. Inicialmente, os cambistas locais adquirem a produção diretamente dos produtores, facilitando a venda imediata do fruto.



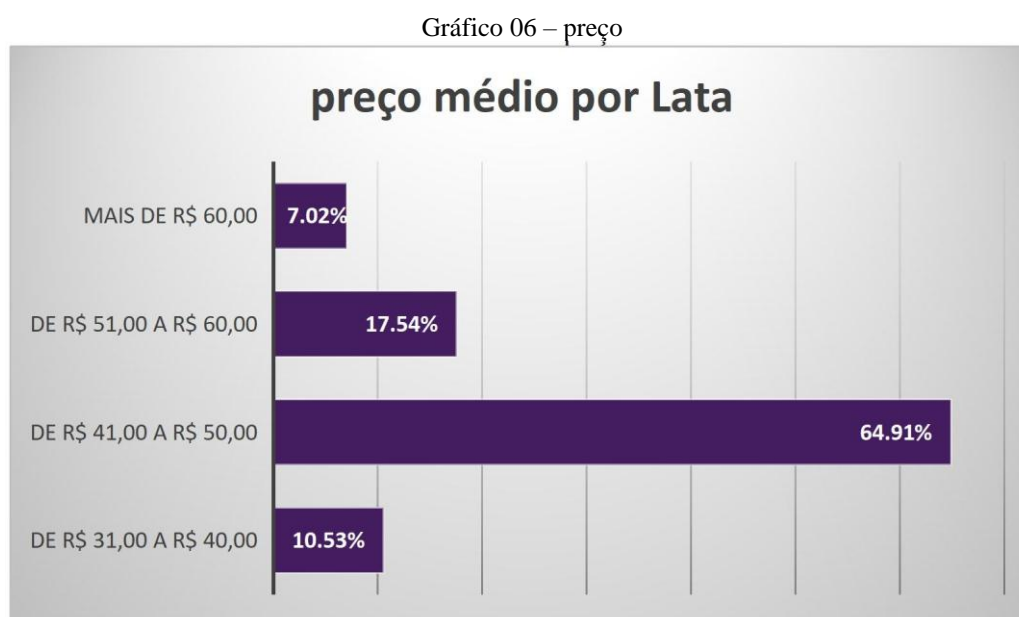
Fonte: Silva, 2025

Segundo Da Silva (2024, p. 19), “atravessadores são os principais responsáveis por fazer a escoação da produção do fruto dessas principais ilhas do quarto distrito”. Nesse processo, os cambistas locais (80,70%) adquirem a produção diretamente dos produtores e, em seguida, repassam a carga para os atravessadores, que desempenham um papel fundamental na logística, transportando o açaí para os centros urbanos e para as fábricas de beneficiamento.

Embora esse modelo seja essencial para a escoação da produção, ele também evidencia a dependência dos produtores em relação aos intermediários, o que pode impactar sua margem de lucro. A ausência de alternativas estruturadas para a comercialização direta faz com que os preços pagos aos produtores sejam reduzidos, enquanto os atravessadores e as indústrias concentram a maioria do valor agregado do produto.

O entrevistado n.º 27 afirma que “Muito grande, pois tende a gerar capital e traz muita economia.” A comercialização do açaí na comunidade apresenta variações de preço influenciadas por fatores como a oferta e demanda, os custos de produção e o manejo adotado pelos produtores.

A maioria dos entrevistados (64,91%) vende o açaí com preços entre R\$ 41,00 e R\$ 50,00, indicando um valor predominante na comercialização. Já 17,54% dos produtores relataram praticar preços entre R\$ 51,00 e R\$ 60,00, enquanto somente 10,53% comercializam entre R\$ 31,00 e R\$ 40,00. O número menor de entrevistados (7,02%) informou vender açaí por valores superiores a R\$ 60,00.



Fonte: Silva, 2025

Segundo Da Silva (2024, p. 16), “no período denominado de safra, os valores de uma rasa de açaí chegam no máximo até R\$ 50,00.” Esse fenômeno pode ser explicado pelos princípios da oferta e demanda, conforme estudado na economia agrícola.

Durante a safra, que ocorre predominantemente entre julho e dezembro, observa-se uma queda significativa nos preços da rasa do fruto, com a maioria das vendas concentradas na faixa de R\$ 41,00 a R\$ 50,00, conforme indicado pelo gráfico, onde 37 entrevistados relataram esse valor. Com o aumento da disponibilidade do produto no mercado, sem um crescimento proporcional da demanda, ocorre uma redução no preço médio praticado.

A análise do gráfico revela que poucos entrevistados venderam açaí por preços inferiores a R\$ 40,00 ou superiores a R\$ 60,00, indicando uma tendência de estabilização dos preços entre R\$ 41,00 e R\$ 50,00 durante a safra. O entrevistado n.º 32 revela que “Ele [açaí] é importante, pois ele é o ramo da população do Pará, é um sustento grande.” Esse comportamento pode ser explicado pelo aumento da oferta do fruto no mercado, que reduz os preços médios praticados.

Entretanto, durante a entressafra, ocorre uma valorização significativa do açaí devido à menor disponibilidade do produto, conforme destacado por Da Silva (2024, p. 16). Na entressafra, há uma maior valorização do fruto devido à diminuição da oferta no mercado de venda da cidade”. Como revela o entrevistado n.º 53, “Muito importante, para o consumo e renda.”

Essa flutuação de preços representa um desafio para a sustentabilidade econômica dos produtores ribeirinhos, uma vez que a queda no valor de comercialização durante a safra pode comprometer a renda dos extrativistas e agricultores familiares que dependem do açaí como principal fonte de subsistência.

Por outro lado, na entressafra, há uma valorização significativa do fruto devido à menor disponibilidade no mercado. Esse fenômeno explica que somente uma pequena parcela dos entrevistados reportou preços superiores a R\$ 60,00, indicando que esses valores ocorrem principalmente fora do período de safra, quando a escassez do fruto favorece preços mais altos.

No início da safra, o preço da rasa do açaí apresenta variações significativas, refletindo a dinâmica do mercado e a disponibilidade do fruto. A maioria dos produtores entrevistados (50,88%) informou vender a rasa por valores acima de R\$ 40,00, evidenciando uma predominância de preços mais elevados no período inicial da colheita.

Outros 22,81% dos produtores comercializam a rasa entre R\$ 36,00 e R\$ 40,00, enquanto 17,54% relataram preços entre R\$ 31,00 e R\$ 35,00. Somente 8,77% dos produtores vendem o produto na faixa mais baixa.



Fonte: Silva, 2025

Segundo Da Silva (2024, p. 10), “o açaí se apresenta como uma cultura de mercado com oferta inelástica - preço, devido às oscilações na oferta e demanda nos períodos de safra e entre-safra”. O gráfico indica que, no início da safra, a maioria dos entrevistados relatou vender a rasa de açaí por mais de R\$ 40,00, sugerindo uma valorização inicial do fruto antes do pico de produção.

Nesse sentido, o entrevistado n.º 12 afirma a importância do açaí ao “ajudar na economia, consigo comprar algo, e também guardar recurso.” Isso reforça a ideia de que a precificação do açaí não é determinada somente pela oferta, mas também pela demanda, que se mantém constante mesmo com o aumento da disponibilidade do produto.

No entanto, observa-se que os preços tendem a iniciar mais baixos no começo da safra, o que pode ser uma estratégia dos cambistas e atravessadores. Nesse período, há menos compradores, permitindo que esses intermediários adquiram o fruto a preços reduzidos e revendam posteriormente com maior margem de lucro.

A partir do meio da safra, a procura pelo açaí aumenta significativamente, elevando os preços. Com mais compradores disputando a aquisição do fruto, a comercialização passa a ocorrer de forma mais competitiva, onde quem oferece o maior valor consegue levar mais produto.

Além disso, há uma diversidade de preços, com alguns produtores comercializando a rasa entre R\$ 26,00 e R\$ 35,00. Essa variação pode estar associada a fatores como qualidade do fruto, localização do produtor e acesso ao mercado. Relatos de produtores também apontam que o maior preço do açaí ocorre no mês de novembro, atingindo valores mais elevados por lata, o que indica que a precificação varia ao longo da safra.

Foi realizada uma análise considerando quatro grupos de produtores, classificados conforme a quantidade de açaí produzida por dia. A seguir, descrevem-se os cálculos realizados para determinar a produção total e a média de produção por produtor:

Gráfico 08 – Quantia por dia



Fonte: Silva, 2025

4.2.1 Cálculos da produção de açaí:

4.2.1.1 Primeiro grupo de produtores:

Consideramos que um produtor produz 10 rasas de açaí por dia. Assim, a produção desse grupo é:

$$1 \times 10 = 10 \text{ rasas/dia}$$

4.2.1.2 Segundo grupo de produtores:

Composto por 28 produtores, cada um produzindo 20 rasas de açaí por dia. A produção total deste grupo foi:

$$28 \times 20 = 560 \text{ rasas/dia}$$

4.2.1.3 Terceiro grupo de produtores:

Este grupo é formado por 12 produtores, sendo que cada um deles produz 30 rasas de açaí por dia. A produção total foi calculada da seguinte forma:

$$12 \times 30 = 360 \text{ rasas/dia}$$

4.2.1.4 Quarto grupo de produtores:

Composto por 16 produtores, cada um produzindo 40 rasas de açaí por dia. A produção total desse grupo foi:

$$16 \times 40 = 640 \text{ rasas/dia}$$

4.2.2 Produção total:

A produção total de açaí por dia na região foi obtida pela soma da produção de todos os grupos de produtores:

$$10 + 560 + 360 + 640 = 1570 \text{ rasas/dia Média de produção por produtor:}$$

Além disso, para calcular a média de produção por produtor, somamos o número total de produtores da região, dado por:

$$1 + 28 + 12 + 16 = 57 \text{ produtores}$$

$$\frac{1570 \text{ rr / d}}{57} \approx 28 \text{ rasas/ dia}$$

Segundo Dos Santos (2015, p. 03), “verifica-se que apenas os municípios de Igarapé-Miri e Cametá concentram metade da produção estadual, revelando uma dupla contagem.” De fato, observa-se que esses municípios desempenham um papel central na cadeia produtiva do açaí, sendo responsáveis por um volume significativo da produção estadual.

No entanto, essa estimativa pode estar influenciada por fluxos comerciais e deslocamentos da produção entre municípios, o que pode gerar sobreposições nos registros e dificultar uma quantificação precisa da produção real.

Na localidade de Rio Paruru de Janua Coele, em Cametá, os dados de produção, mostrados nos gráficos acima, reforçam essa relevância produtiva. Durante o período de safra, a média diária de comercialização por produtor é de aproximadamente 28 rasas de açaí.

A maioria dessa produção está concentrada em grupos de produtores que colhem entre 20 e 40 rasas por dia, evidenciando a alta produtividade da região. Esse nível de produção contribui significativamente para o abastecimento do mercado e reforça a importância de Cametá como um dos principais polos de escoamento do fruto no estado.

Segundo Dos Santos (2015, p. 04), "Igarapé-Miri tenha se tornado um entreposto para comercialização de frutos para indústrias e para distribuição para batedores localizados nos municípios do Nordeste Paraense". Esse fator influencia diretamente a percepção sobre a produção de açaí na região do Baixo Tocantins, uma vez que municípios como Cametá, grandes produtores da fruta, não são devidamente reconhecidos devido à ausência de registros formais de sua produção.

Enquanto Igarapé-Miri consolida-se como um ponto estratégico de escoamento, absorvendo a comercialização de frutos oriundos de diversas localidades, os dados oficiais acabam refletindo essa concentração, atribuindo-lhe, muitas vezes, um status de maior produtor da região.

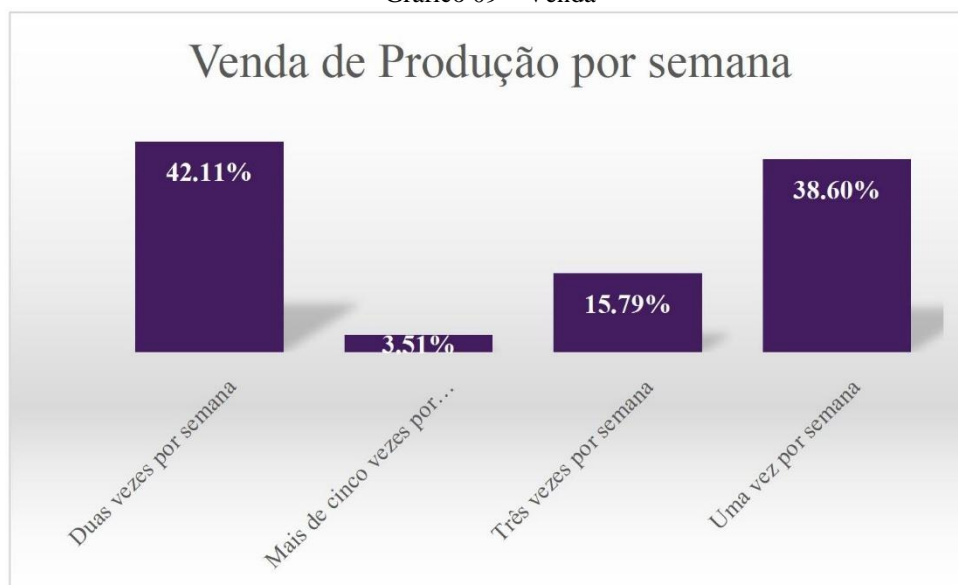
No entanto, a falta de um sistema estruturado para o registro formal da produção faz com que grande parte desse volume seja contabilizada como pertencente a Igarapé-Miri. Essa subnotificação não apenas reduz o reconhecimento oficial da importância produtiva de Cametá, mas também afeta o desenvolvimento de iniciativas que poderiam fortalecer os agricultores locais e a agricultura familiar.

Enquanto a produção do município continua a abastecer mercados e indústrias, a ausência de um sistema de rastreamento formal impede que Cametá seja amplamente reconhecido por sua contribuição à cadeia do açaí no Pará. Entretanto, a dinâmica comercial da região sugere a necessidade de metodologias mais precisas para evitar a dupla contagem na estatística oficial da produção estadual.

Durante a safra, a maior disponibilidade de açaí no mercado influencia diretamente a frequência de venda dos produtores. Conforme demonstrado no gráfico, a maioria dos entrevistados comercializa sua produção duas vezes por semana (42,11%) ou uma vez por semana (38,60%), sugerindo um equilíbrio entre evitar perdas e acompanhar a demanda.

Já um número menor de produtores vende três vezes por semana (15,79%) ou mais de cinco vezes por semana (3,51%), indicando que somente alguns possuem volume suficiente para uma comercialização mais frequente.

Gráfico 09 – Venda



Fonte: Silva, 2025

Além da frequência de venda, a oscilação dos preços ao longo do ano também impacta a estratégia comercial dos produtores. O gráfico de preço médio do açaí mostra que, durante a safra, os valores tendem a ser mais baixos devido à alta oferta, enquanto na entressafra há uma valorização do produto. O entrevistado n.º 10 afirma que "se pudesse ser todo o tempo, seria muito bom."

Segundo Da Silva (2024, p. 22), "Nessa entressafra (2024), eles abriam o valor de venda para as bateadeiras em 180,00 reais cada rasa e chegaram a vender uma rasa de açaí por aproximadamente

350,00 reais cada". Essa variação evidencia a influência da oferta e demanda no mercado regional, onde a abundância do açaí na safra reduz significativamente os preços, enquanto na entressafra a menor disponibilidade do fruto valoriza o produto.

Diante desse cenário, os produtores adotam estratégias para otimizar sua comercialização, como vender duas vezes por semana ou mais, acumulando uma quantidade maior de (paneiros) de açaí para negociar de uma só vez.

Dessa forma, conseguem uma renda maior ao garantir um volume significativo para a venda, maximizando o retorno financeiro em um curto período. Além disso, alguns buscam mercados alternativos ou investem em técnicas de manejo que permitam maior estabilidade produtiva ao longo do ano.

Para os produtores ribeirinhos, o cultivo do açaí vai além de uma atividade econômica, sendo a base da subsistência e da identidade cultural da comunidade.

Quando questionados sobre a importância do açaí em suas vidas, os entrevistados destacaram diferentes aspectos: "Ajuda na economia, consegue comprar algo e também guardar recurso". Outros enfatizaram seu papel na subsistência da comunidade: "Nós vive disso, é uma ajuda muito grande, e o que banca nos ribeirinhos". Houve ainda quem descrevesse sua relevância abrangentemente: "É tudo, consumo, fonte de renda, é uma produção inexplicável".

Esses relatos evidenciam como o açaí não apenas gera renda, mas também garante a segurança alimentar e a manutenção do modo de vida tradicional dos ribeirinhos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito compreender os fatores que tornam a produção de açaí em Paruru altamente produtiva durante a safra, analisando tanto os aspectos econômicos quanto as práticas de manejo adotadas pelos produtores. A partir da pesquisa de campo e da análise dos dados, foi possível confirmar que os objetivos foram alcançados, evidenciando a relevância do fruto para a economia local e para a vida dos ribeirinhos.

Os dados coletados demonstram que Paruru se destaca como uma das regiões mais produtivas do município de Cametá, com uma média diária de 28 rasas de açaí por produtor. Esse alto rendimento está diretamente ligado às técnicas de manejo adotadas, como o raleamento das touceiras, o controle da luminosidade e o espaçamento adequado entre as plantas.

A análise quantitativa revelou que a produtividade dos produtores de Paruru supera a média de outras comunidades, demonstrando que o conhecimento tradicional, quando aliado a boas práticas agrícolas, potencializa os resultados e torna a produção mais eficiente. O ambiente natural da região contribui significativamente para a alta produtividade do açaí. As áreas de várzea, com solos ricos e alta disponibilidade de água, favorecem o crescimento das plantas e garantem colheitas expressivas.

Além disso, a valorização crescente do açaí no mercado internacional impulsiona o preço do fruto a cada safra, proporcionando um retorno financeiro maior para os produtores. Isso reforça o papel central do açaí na economia local e a sua importância para a sustentabilidade econômica da comunidade.

O ambiente natural da região contribui significativamente para a alta produtividade do açaí. As áreas de várzea, com solos ricos em matéria orgânica e boa disponibilidade de água, oferecem condições ideais para o desenvolvimento das plantas. Esses fatores naturais favorecem colheitas expressivas e sustentam a alta produção observada em Paruru.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Hellem Pinheiro et al. Produção e autoconsumo de açaí pelos ribeirinhos do Município de Igarapé-Miri, Pará. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 9, p. e51710918376, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i9.18376.

BRITO, Sinara; MONTEIRO, Harleson; CASTRO, Viviandra; BRONZE, Antonia; VIEIRA, Igor. Análise da produção da cultura do açaí (*Euterpe oleracea* Mart) no estado do Pará. In: CONINTER PDVAgro, 2020. Anais [...]. [S.l.: s.n.], 2020. p. 0598. DOI: 10.31692/2526-7701.VCOINTERPDVAgro.0598.

MATOS, Carla da S. et al. Manejo de açaizais nativos: tecnologia social para elevação da produtividade de açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) nas comunidades ribeirinhas do município de Igarapé-Miri, Pará. *Anais dos Encontros Nacionais de Engenharia e Desenvolvimento Social*, v. 11, n. 1, 2014. ISSN 2594-7060.

DOS SANTOS TAVARES, Geraldo; HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. Comercialização do açaí no estado do Pará: alguns comentários. *Observatorio de la Economía Latinoamericana*, v. 211, 2015.

DA SILVA, Benedito Figueiredo; REDIG, Meirevalda do Socorro Ferreira. A alta valorização do açaí na entressafra no município de Cametá (tendo ênfase no interior de Cametá no quarto distrito). *Revista Contemporânea*, v. 4, n. 9, p. e5679, 2024.